Actes du XXIV^{e} Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes

Aberystwyth 2004

Édités par David Trotter

TOME III

Section 8: La sociolinguistica
Section 9: La grammaticographie
Section 10: La linguistique textuelle et la pragmatique
Conférences plénières
Table ronde sur l'information bibliographique
en linguistique romane

Max Niemeyer Verlag
Tübingen 2007

Gonçalo Fernandes

Das conjunções expletivas do grego e do latim às partículas discursivas do Português

0. Estudos linguísticos recentes têm vindo a provar que a classificação tradicional das *partes orationis* não é totalmente correcta e, por vezes, está longe da realidade comunicativa. Os linguistas têm observado que muitos elementos das classes de palavras chamadas «sinsemânticas» (por oposição às «auto-semânticas» ou «palavras plenas») se especializaram em, ou desempenham outras funções, mais de natureza pragmática que morfossintáctica, e, por isso, «acrescentaram» àquela lista novas classificações, como, por exemplo, as de partículas (marcadores, sinais, etc.) modais, escalares, argumentativas, topográficas e interaccionais, contribuindo desse modo para uma revisão dos critérios classificatórios das gramáticas normativas (Fernandes 1998: 83-93). Essa categorização já havia sido questionada por alguns gramáticos gregos e latinos, ao contrário do que fazia a maioria dos autores de gramáticas, pois estes apenas se limitavam a imitar os seus mestres e antecessores, sem pôr em dúvida a justeza dos seus ensinamentos.

A historiografia linguística grega e latina regista a existência de certas conjunções ou partículas de «enchimento» do discurso. Essas palavras eram, em primeiro lugar, utilizadas para preencher os pés da métrica clássica e para embelezar o discurso, como teorizou a maioria dos gramáticos daquelas línguas. No entanto, esses mesmos elementos também não deixaram de se especializar noutras funções e espoletam manifestamente o que hoje se chama pressuposições pragmáticas e implícitos conversacionais.

Os gramáticos gregos, na impossibilidade (ou desconhecimento) de melhor classificação, integraram algumas destas palavras no conjunto das conjunções, chamando-lhes *súndesmoi parapleromatikói* (σύνδεσμοι παραπληρωματικοί). Por sua vez, os gramáticos latinos, que, muitas vezes, se limitaram a traduzir os gregos, chamaram-lhes *coniunctiones expletivæ*. Para além de insatisfatórios, estes conceitos também vieram a desaparecer posteriormente das gramáticas tradicionais gregas e latinas. É assim que a última gramática latina usada em Portugal que ainda registou esta classificação foi a *De Institutione Grammatica Libri Tres* (Lisboa, 1572), do jesuíta madeirense Manuel Álvares (1526-1583).

Depois de essa classificação ter desaparecido completamente da análise gramatical, os teóricos da língua portuguesa, já no século XIX, sentiram, apesar disso, a necessidade de não as ignorar ou de não deixar de tomar em conta os elementos que lhes equivalem, constituindo um conjunto separado de palavras que denominaram «partículas de realce» ou «partículas expletivas», um grupo que não se integra em nenhuma das partes do discurso tradicionais.

Desde então, não houve qualquer alteração substancial, e hoje, por exemplo, a gramática de Cintra / Cunha apenas refere que são palavras de «classificação extremamente difícil» (Cintra / Cunha 1987: 549), aliás na mesma linha do que Cunha tinha feito – «palavras de classificação à parte» (Cunha 1970: 251). Só a partir dos trabalhos de linguística contrastiva

de António Franco é que começaram a aparecer análises interessantes, como na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mário Vilela (Vilela, 1995: 198-201). No entanto, a recente Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário (TLEBS) aprovada pelo Ministério da Educação e publicada no jornal oficial português, o *Diário da República*, retrocedeu e não há qualquer referência a nenhum tipo de partículas (Portaria n.º 1488/2004, de 24 de Dezembro).

No entanto, Apolónio Díscolo (séc. I d. C.), para o Grego, e Pompeio (sec. IV d. C.), para o Latim, fizeram uma análise pragmática deveras importante do funcionamento de tais «conjunções», que foram esquecidas pelos seus «sucessores». De facto, para ambos, essas partículas não servem apenas para preencher os pés da métrica e embelezar o discurso, mas espoletam funções de natureza pragmática e veiculam pressuposições de ordem distinta dos modos habituais.

Por isso, propomo-nos analisar excertos dos textos de vários gramáticos gregos e latinos, com particular incidência em Apolónio Díscolo e Pompeio, de modo a compreender a evolução do pensamento linguístico no respeitante a algumas dessas partículas discursivas.

1. O primeiro gramático grego digno desse nome foi Dionísio da Trácia. De acordo com a tradição, viveu no séc. II a. C. (170 – 90) e era natural da Trácia. Foi discípulo de Aristarco da Samotrácia e compilou uma «cartilha», uns apontamentos para os seus discentes, sobre análise textual. O seu objectivo era colocar ao dispor dos alunos material para análise das obras de Homero. É um brevíssimo manual onde condensa uma taxonomia e uma terminologia gramatical tão elaboradas que não chegaram a ser ultrapassadas nas gramáticas subsequentes: Apolónio Díscolo, por exemplo, optou por critérios diferentes, sob a perspectiva sintáctica, mas manteve sempre a nomenclatura de Trácio; e os gramáticos latinos, ora baseando-se em Apolónio, ora em Dionísio, nunca conseguiram cortar esse «cordão umbilical» com o espólio grego. A «Arte» de Dionísio é, de facto, o ponto de partida de todas as gramáticas europeias.

Dentre as conjunções (σύνδεσμοι), tem para nós especial interesse a sub-espécie denominada pelo Trácio de οἱ παραπληρωματικοί, termo derivado do verbo παραπληροῦν (παρά + πληρό + εν), que significa «completar» (Bailly 1985: 1472). Para Dinis da Trácia, nome por que também ficou conhecido, as conjunções expletivas são as que se empregam por causa da métrica ou do ornato. Estas são: δή ῥά νύ ποῦ τοί θήν ἄρ δῆτα πέρ πώ μήν ἄν αὖ νῦν οὖν κέν γέ (Trácio 1989: 64).

Fica relativamente claro o que o Trácio pensa das conjunções expletivas, já que, para si, apenas se usam para «completar» / «preencher» os pés métricos e para tornar o discurso mais belo, mais bem ornamentado.

Apolónio Díscolo foi o gramático mais importante de toda a antiguidade grega. Viveu em Alexandria nos finais do séc. I d. C.. Ganhou a alcunha de Díscolo (Δύσκολος) por ser considerado difícil e complicado.

Seria deveras interessante fazer uma análise das concepções linguísticas de Apolónio e do seu método analítico, porque foi verdadeiramente original e inovador para a sua época, somente comparável ao papel que Saussure ocupou nos estudos linguísticos modernos, por mais exagerado que pareça o termo de comparação, mas essa análise deverá ficar para outro lugar.

Relativamente ao que Apolónio considerava conjunção (σύνδεσμος), pouco conseguimos saber, na medida em que só laconicamente se refere a estas[1]:

> Οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι ἀπ' ἰδίας δυνάμεως ἀναδεχόμενοι τὴν θέσιν ἔσχον τῶν ὀνομάτων, ἀπὸ τοῦ ἐν συναφείᾳ τοὺς λόγους ἐπάγειν συναπτικοί, ἢ ἀπὸ τοῦ διαζευγνύειν διαζευκτικοὶ καὶ ἅπαντες οἱ ὑπόλοιποι.[2] (Díscolo 1979: 378)

No entanto, Apolónio dedica três capítulos, no Livro III, às conjunções expletivas, ao contrário do que faz com as restantes conjunções, e refere que aquelas não podem assumir o significado próprio de cada uma delas, porque desempenham funções não facilmente catalogáveis e sistematizáveis,

> σχεδὸν γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἴδιόν τι ἐπηγγέλλετο, μείωσιν μὲν ὁ γέ ἐν τῷ τοῦτό γέ μοι χάρισαι [...] παραγραφὴν λόγου ὁ δή, ἐναντιότητα ὁ πέρ μετ' αὐξήσεως ἐμφατικῆς.[3] (Díscolo 1979: 381)

As conjunções expletivas não têm esse nome por causa do seu significado,

> οὐ γὰρ ἀληθές ἐστιν, ὥς τινες ὑπέλαβον, μόνον αὐτοὺς ἀναπληροῦν τὸ κεχηνὸς τῆς ἑρμηνείας καὶ διὰ τοῦτο εἰρῆσθαι παραπληρωματικούς· ὅτι γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἔχει τινὰ δύναμιν.[4] (Díscolo 1979: 379)

Apolónio compara, por isso, algumas frases, mas destaca apenas duas, para acentuar as diferenças de sentido: «τοῦτό μοι χάρισαι» (faz-me esse favor) e «τοῦτό γέ μοι χάρισαι» (faz-me ao menos esse favor). Assim,

> οὐ γὰρ ταὐτόν ἐστι τὸ τοῦτό μοι χάρισαι τῷ τοῦτό γέ μοι χάρισαι [...]
> οὐδὲ τὸ ἀγαθὸς ὢν τῷ ἀγαθός περ ἐών [...]·
> οὐδὲ τὸ αὐτὸ ἐμφαίνει τὸ οἱ μὲν παρ' ὄχεσφι τῷ οἱ μέν δη παρ' ὄχεσφι [...]·
> παραγραφῆς γὰρ λόγου σημεῖόν ἐστιν ὁ δή.[5] (Díscolo 1979: 379)

Basta, por isso, introduzir uma conjunção expletiva, para que o sentido da frase seja imediatamente diferente.

Deste modo, dizer que as expletivas não fazem falta ao discurso, porque em nada modificam o seu conteúdo linguístico, e que podem ser facilmente retiradas, é completamente falso, na perspectiva de Apolónio. Baseados nas suas próprias palavras, podemos concluir pela sua necessidade, porque, se as expletivas podem ser consideradas supérfluas,

---

1 Pela sua importância, os textos originais de Apolónio Díscolo e Pompeio encontram-se em anexo. Ambas as traduções são da responsabilidade do autor desta comunicação.

2 «A maioria delas tomou o nome do seu significado; assim, as condicionais pela condição implícita nos seus membros, as disjuntivas pela distinção, e o mesmo todas as demais».

3 «pois todas elas apresentam um significado próprio, por exemplo, o γε uma restrição no enunciado τοῦτο γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), o δη uma transição no discurso, o περ oposição, para além de uma enfatização».

4 «pois não é certo, como alguns supõem, que somente sirvam para completar os cortes da comunicação; de facto, cada uma delas tem um significado próprio».

5 «não é certamente o mesmo τοῦτό μοι χάρισαι (faz-me esse favor) que τοῦτο γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), como ἀγαθὸς ὢν (sendo bom), que ἀγαθός περ ὤν (por bom que sejas), nem significa o mesmo οἱ μὲν παρ 'ὄχεσφι (uns junto aos carros), que οἱ μὲν δὴ παρ ' ὄχεσφι (então eles junto aos carros), já que δη é sinal de que se produz uma transição no discurso».

como muitos afirmam, as restantes conjunções também o podem, já que em determinadas ocorrências não são imprescindíveis ao discurso.

Apolónio Díscolo prova assim que as conjunções expletivas são tão necessárias ao discurso como quaisquer outras conjunções, embora, muitas vezes, sejam usadas pleonasticamente, mas o mesmo acontece com as outras conjunções. Isto acontece, não pelo seu uso «supérfluo» ou pleonástico, mas porque encerram sentidos completamente diferentes: restrição, oposição, transição, etc. Por isso, as conjunções expletivas não poderiam ser classificadas a partir do seu significado, porque são muitos, ao contrário de todas as restantes conjunções, que só apresentam um significado e, por isso, são facilmente sistematizáveis.

Podemos, deste modo, concluir que, de acordo com a perspectiva de Apolónio Díscolo, as conjunções expletivas são polifuncionais e que o seu sentido está dependente do contexto em que se inserem e das funções pragmáticas por elas veiculadas.

2. Quase todos os gramáticos latinos clássicos foram (apenas) compiladores de uma vasta tradição gramatical, sendo Prisciano considerado o mais importante de todos eles, dado que aproveitou as conclusões dos anteriores, comentou-as e corrigiu-as, numa perspectiva predominantemente sintáctica. Para isso, baseou-se preferencialmente em Apolónio Díscolo, chegando assumidamente a traduzi-lo e a adaptar algumas das suas ideias ao Latim.

Os gramáticos clássicos latinos, na senda dos de língua grega, distribuíam as *partes orationis* por oito grupos: nome, verbo, pronome, particípio, preposição, conjunção, advérbio e interjeição. Os gregos não consideravam a interjeição, porque a colocavam entre os advérbios, mas acrescentavam o artigo; os latinos, porque não tinham artigo, separavam a interjeição do grupo dos advérbios. E até ao século XVIII num subgrupo das conjunções, os gramáticos consideraram as chamadas expletivas ou *coniunctiones expletivæ* – tradução latina da designação grega (σύνδεσμοι παραπληρωματικοί).

Para a maioria, as *coniunctiones expletivæ* (*completivæ*, para Prisciano) apenas serviam para embelezar a prosa e preencher os pés da métrica na poesia. E, por isso, não lhes atribuíram qualquer importância acrescida.

Élio Donato, por exemplo, considerado o maior gramático do século IV d. C. e um dos melhores de toda a cultura romana, o «*Grammaticus urbis Romæ*» (Paratore 1987: 936), definiu a conjunção como «pars orationis adnectens ordinansque sententiam» (Donato 1981: 364) e dividiu-a em cinco espécies de *potestas*: «copulativas disiunctivas expletivas causales rationales» (Donato 1981: 364). Especificamente sobre as expletivas, Donato limita-se a apresentar as seguintes, sem qualquer justificação nem demonstração: *quidem, equidem, saltem, videlicet, quamquam, quamvis, quoque, autem, porro, porro autem* e *tamen*.

Diomedes, por seu turno, outro dos maiores gramáticos latinos, quase contemporâneo de Donato, define a conjunção como «pars orationis indeclinabilis copulans sermonem et coniungens vim et ordinem partium orationis» (Diomedes 1981: 415). Nesta definição, pela primeira vez, um gramático afirma que a conjunção é indeclinável e que conjuga a «força» (valor, significado) e a ordem das restantes *partes do discurso* na frase. Diomedes também divide a «potestas» nas mesmas cinco espécies: «potestas coniunctionum in quinque distributa species dividitur. Sunt enim copulativæ disiunctivæ expletivæ causales

rationales» (Diomedes 1981: 415). Especificamente quanto às expletivas, apresenta algumas novas «conjunções»: *saltem, deinde, nimirum* e *vero*, mas retira da sua lista: *videlicet, quamquam, quamvis* e *porro autem*, mas, como Donato, não faz qualquer tipo de demonstração.

Prisciano (séc. V e VI d. C.):

> foi, ao lado de Élio Donato, a maior autoridade gramatical para a Idade Média e até aos limiares da época moderna; é, por conseguinte, o iniciador da gramática escolar para todos aqueles que se habituaram a estudar o latim clássico como uma língua não própria, e um dos principais sistematizadores da terminologia gramatical. (Paratore 1987: 1022)

No entanto, basta percorrer rapidamente a sua «Arte» para nos apercebermos de que Prisciano é apenas um compilador de gramáticas anteriores, e o seu método sincrético reduz consideravelmente o valor da obra:

> Naturalmente, nada existe de pessoal em Prisciano, que reduz, traduz de gramáticos gregos, especialmente de Apolónio Díscolo e Herodiano, combina com fontes latinas, tenta organizar este respeitável amontoado de conhecimentos. (Paratore 1987: 1022)

Prisciano foi também o gramático que mais influência teve nos autores de gramática latina estudados em Portugal, principalmente na Idade Média e no Renascimento. Antonius Ælius de Nebrija, autor das *Introductiones Latinæ* (Salamanca, 1481) e da *Gramática de la Lengua Castellana* (Salamanca, 1492), e Franciscus Sanctius Brocensis, da *Minerva seu de causis linguæ latinæ* (Salamanca, 1587), por exemplo, foram dois dos gramáticos mais importantes dos séculos XV e XVI que reclamaram a sua paternidade em Prisciano.

A conjunção é, para Prisciano,

> pars orationis indeclinabilis, coniunctiva aliarum partium orationis, quibus consignificat, vim vel ordinationem demonstrans: vim, quando simul esse res aliquas significat [...]; ordinem, quando consequentiam aliquarum demonstrat rerum (Prisciano 1981: 93).

Acrescenta também que são três os acidentes destas: *figura, species* (denominada pelos outros gramáticos por *potestas*) e *ordo*. Interessa-nos especialmente a segunda. Assim, as *species* conjuncionais são classificadas por Prisciano em dezassete (17) modalidades:

> copulativa, continuativa, subcontinuativa, adiunctiva, causalis, effectiva, approbativa, disiunctiva, subdisiunctiva, disertiva, ablativa, præsumptiva, adversativa, abnegativa, collectiva vel rationalis, dubitativa, completiva (Prisciano 1981: 93).

Destacaremos apenas as «completivas», porque é aí que o nosso trabalho se enquadra. E Prisciano apresenta, como os anteriores, algumas palavras / conjunções «completivas», mas acrescenta uma definição. Assim, para Prisciano, as

> completivæ sunt ‹vero, autem, quidem, equidem, quoque, enim, nam, namque›, et fere quæcumque coniunctiones ornatus causa vel metri nulla significatione ponuntur (Prisciano 1981: 102).

Aqui Prisciano refere que estas conjunções se justificam somente por causa do ornato e da métrica, na senda tradicional, e não lhe atribui qualquer outro valor.

Pompeio (sec. IV e V d.C.), um simples professor de gramática nascido em África, quase desconhecido da historiografia gramatical latina, publicou um comentário à gramática de Donato, *Commentum Artis Donati*, que acaba por ter muita importância, devido principalmente às análises críticas que apresenta. De facto, Pompeio não se limitou, como os seu antecessores, a apresentar listas de palavras e a enumerar classificações, mas

reflectiu sobre os fenómenos gramaticais e linguísticos, expondo as teorias anteriores, comentando-as e depois manifestando o seu ponto de vista. Para Pompeio, reflectir e dar uma opinião mais abalizada não significava desrespeitar os seus mestres: pelo contrário, era valorizar e levar mais longe o que tinha aprendido.

Especificamente quanto à conjunção, Pompeio refere que

> est pars orationis dicta, quod coniungat elocutionem. Nam ideo dicta coniunctio. Naturaliter enim nostra oratio dissidens et soluta est, nec potest in conexionem venire nisi interpositis illis particulis (Pompeio 1981: 264).

Por isso, se estas «partículas» não forem utilizadas, a frase pode ficar agramatical e dá-se o erro sintáctico tradicionalmente denomidado solecismo. Relativamente às *variações* conjuncionais, do mesmo modo que Donato, afirma serem três: *potestas, figura* e *ordo*. Divide também as *potestates* (os valores, os significados) em cinco espécies: «sunt enim copulativæ, disiuntivæ, expletivæ, causales, rationales» (Pompeio 1981: 264).

Embora analise todas as sub-categorias, interessam-nos particularmente as expletivas. Pompeio dá-lhes bastante importância, porque, ao contrário de todos os gramáticos anteriores, as considera vitais na comunicação. Este gramático crê que as conjunções denominadas expletivas não são vazias de significado / «verbos de encher» e, por isso, também podem ser classificadas como advérbios e são fundamentais na intercomunicação, porque apelam a sentidos só por si veiculados e por mais nenhuma parte do discurso.

O curioso é que, no princípio da sua análise / exposição, segue a perspectiva geral e refere inclusivamente que as «expletivæ dictæ sunt ab eo, quod tantum sensum expleant additæ»[6] (Pompeio 1981: 266), mas, quando expressas, enriquecem o estilo e, retiradas, em nada prejudicam. Por isso, acrescenta que

> hanc naturam habent expletivæ: quando detrahuntur, nihil significant; quando adhuntur, ornant sensum ipsum, id est quando detrahuntur, non mutilant aliquid, non detrahunt.[7] (Pompeio 1981: 266)

E dá um exemplo que irá perpassar quase toda a sua reflexão: «*equidem volebam præfectum videre*» («na verdade queria ver o prefeito»). Por isso,

> istæ dicuntur expletivæ quæ sensum explent, detractæ autem nihil nocent; ideo dicuntur expletivæ.[8] (Pompeio 1981: 266)

No entanto, e depois destas ainda não definitivas conclusões, o gramático interroga-se sobre a designação que tradicionalmente se deu a estas conjunções:

> Quare autem dictæ sunt expletivæ et non ornativæ?[9] (Pompeio 1981: 266)

Facilmente conclui que não o podem ser, já que desempenham uma outra função, muito mais do que simplesmente embelezarem ou ornamentarem o discurso:

---

[6] «As [conjunções] expletivas chamam-se assim, porque acrescentadas preenchem somente a frase».

[7] «As expletivas têm esta natureza: quando são retiradas, nada significam; quando acrescidas, embelezam a frase, isto é, quando subtraídas, não reduzem coisa nenhuma, não causam dano».

[8] «Dizem-se expletivas aquelas [partículas] que completam o sentido da frase, mas cuja omissão nada prejudica; eis o motivo de se chamarem expletivas».

[9] «Mas porquê expletivas e não ornativas?»

Nam illæ ornativæ dicuntur quæ additæ ornant, detractæ non obsunt. Istæ autem quæ dicuntur expletivæ, quantum significat ipse sensus etiam adverbia permanent, non vacant.[10] (Pompeio 1981: 266)

Daí também que se tenham chamado expletivas e não simplesmente ornativas.

Então, Pompeio refaz a pergunta: «Ergo quid est expletiva?» (Pompeio 1981: 266),[11] já que as conclusões até aqui desenvolvidas não o satisfazem na totalidade. Por isso, analisa especificamente duas «conjunções expletivas»: «saltem» e «equidem».

Comparando duas frases aparentemente com o mesmo significado, «lege lectionem» («lê a lição») e «saltem lege lectionem» («ao menos lê a lição»), nota que há diferenças significativas, que é necessário ter em conta. No primeiro caso, afirma que, numa frase como «lege lectionem», o locutor exorta o seu interlocutor a realizar uma acção específica, estando este a fazer outras coisas, como cantar, por exemplo, mas não a executar a acção de ler (Pompeio 1981: 266).[12]

Por outro lado, se alguém disser «hoc fac» («faz isto»), o locutor exorta o alocutário a realizar a acção, pois é lícito que ele o faça espontaneamente; mas, se disser «saltem hoc facito» («pelo menos, faz isto»), está a censurar o alocutário, pois implicita ou pressupõe que ele não está a fazer nada e deve realizar aquela acção (Pompeio 1981: 266).[13] Apresenta ainda o exemplo de «saltem ambula» («pelo menos, caminha»), afirmando que tem a mesma natureza que a frase anterior, já que pressupõe que o alocutário não quer dormir, não quer estar sentado, não quer estar de pé; por isso, que ao menos caminhe. É um acto directivo não impositivo, ao contrário da frase simples sem a conjunção expletiva, «ambula» («caminha»), pois esta representa uma ordem, um acto ilocutório directivo (Pompeio 1981: 266).[14]

---

[10] «A verdade é que se chamam ornativas àquelas que, acrescentadas, embelezam, e suprimidas não prejudicam. No entanto, as que classificamos de expletivas, como o seu próprio nome indica, também permanecem como advérbios, não são supérfluas».

[11] «Então o que significa ‹expletivas›?».

[12] «Qui tibi dicit ‹lege lectionem›, hortatur te ad unam rem faciendam. Et forte alias res facis, sed istam solam non faciebas; cantabas, sed non legebas lectionem» («Aquele que te diz ‹lege lectionem›, exorta-te a fazeres apenas uma coisa, se por acaso estiveres a fazer outras, mas só esta é que não: estavas a cantar, mas não a ler a lição»).

[13] «Qui tibi dicit ‹hoc fac›, hortatur ut hanc rem facias, licet tu illas res sponte facias; qui autem tibi dicit ‹saltem hoc facito›, ostendit te omnia nihil facere, sed vel hoc unum facere debere. Longe aliud est hortari nos ad unum aliquid faciendum, cum cetera facias, longe aliud est ut vel unum facias». («Aquele que te diz ‹hoc fac› (‹faz isto›) exorta-te a fazeres tal coisa, compete-te fazeres essas coisas espontaneamente; mas aquele que te diz ‹saltem hoc facito› (‹ao menos faz isto›), dá a conhecer que tu não fazes todas as coisas, mas que deves fazer ao menos esta. Uma coisa muito diferente é exortar-nos a fazermos alguma coisa determinada, quando se fazem várias, outra coisa é fazer pelo menos uma»).

[14] «Nam hoc habet natura huius elocutionis: puta ‹saltem ambula›, id est si non vis dormire, si non vis sedere, si non vis stare, vel hoc unum fac, ambula; quando autem dico ambula, iam non arguo te totius neglegentiæ, sed arguo te, quod istam unam rem omiseris» («O sentido deste enunciado é o mesmo que, por exemplo em ‹saltem ambula› (Pelo menos caminha), isto é, se não queres dormir, se não queres estar sentado, se não queres estar de pé, faz ao menos só isto – caminha; mas quando digo ‹ambula› (caminha), já não te critico por toda a preguiça, mas critico-te porque esqueceste apenas esta coisa»).

Pompeio explica assim, e de forma diferente, a natureza das chamadas «conjunções expletivas», porque admite que elas pressupõem algo mais do que apenas aquilo que se afirma:

> Ergo dictæ sunt expletivæ, quia illud quod minus dictum erat accessu huius expletur. Et pæne in omnibus hoc esse invenies.[15] (Pompeio 1981: 266-267)

Neste momento argumentativo, Pompeio começa a explicitar a natureza das expletivas, afirmando que elas expandem, acrescentam algo mais ao conteúdo proposicional. De salientar também é a sua afirmação final, quando generaliza esta característica a todas as outras conjunções expletivas («in omnibus»). Este gramático, ainda não totalmente satisfeito com a sua análise, observa a função de «equidem». As frases «equidem volebam videre præfectum» («na verdade, queria ver o prefeito») e «volebam videre præfectum» («queria ver o prefeito») são semântica e pragmaticamente muito diferentes, «longe aliud est» (Pompeio 1981: 267), porque quem disser «volebam videre præfectum», apenas quer dizer «volebam videre præfectum» (Pompeio 1981: 267),[16] mas quem disser «equidem volebam videre præfectum» diz o mesmo, mas acrescenta implicitamente um ódio e um temor entre o locutor e o objecto enunciado:

> Qui dicit ‹equidem volebam videre præfectum›, hoc dicit, ‹volebam videre præfectum›, nisi illud timerem, nisi illud obesset. Nam qui dicit ‹equidem volebam videre›, hoc significat, ‹volebam videre, sed alia res intercedit, quæ prohibet›; ‹equidem volebam legere, sed illud timeo›.[17] (Pompeio 1981: 267)

Pompeio conclui, então, o seu raciocínio, referindo a função das expletivas e porque devem ser chamadas desta forma: é que acrescentam sempre mais alguma coisa que não estava expresso e que se mantinha em estado de latência:

> Ideo dicuntur expletivæ, quoniam inlatæ aliquid, quod non expressum est, sed latet, illud ipsæ res nobis demonstrant.[18] (Pompeio 1981: 267)

3. Em conclusão, há, de facto, dois autores de gramáticas que se notabilizaram pela análise que fizeram do funcionamento linguístico daquilo que apelidaram de conjunções expletivas, Apolónio Díscolo, para o Grego, e Pompeio, para o Latim.

Apolónio demonstrou que as conjunções expletivas não são desnecessárias ao discurso e não servem apenas para embelezar e preencher os pés da métrica e, por isso, defendeu que, ao contrário das restantes conjunções, as expletivas não poderiam ser classificadas a partir do seu significado, porque são muitos e, deste modo, polifuncionais, ficando o seu sentido dependente do contexto em que se inserem e das funções pragmáticas por elas veiculadas.

Pompeio, partindo da análise de frases concretas, também concluiu que as conjunções expletivas são tão necessárias como quaisquer outras conjunções, ou talvez ainda mais,

---

[15] «Por isso são chamadas expletivas, porque aquilo que era dito de menos é completado com o seu acrescentamento, e isto encontra-se em quase todas».

[16] «Qui dicit ‹volebam videre præfectum›, hoc dicit simpliciter, ‹volebam videre præfectum›».

[17] «Quem diz ‹equidem videre præfectum›, diz isto: ‹queria ver o prefeito, se não receasse esse facto ou nada me prejudicasse›. Pois, quem diz ‹equidem volebam videre› (a dizer a verdade, eu queria ver), quer dizer isto, ‹volebam videre (queria ver), mas outra coisa se meteu de permeio a impedi-lo; ‹equidem volebam videre, mas temo isso›».

[18] «Por isso, são chamadas expletivas, visto que, acrescentadas, alguma coisa que não estava expressa, mas latente, elas mesmas no-lo mostram».

porque desencadeiam pressuposições pragmáticas e implícitos latentes no acto comunicativo, não activáveis pelas restantes conjunções. Por isso, como Apolónio Díscolo, não pensa que a sua função seja apenas de «encher» ou «embelezar» o texto.

Referências Bibliográficas

Álvares, Manuel (1572): *De Institutione Grammatica libri tres*. Lisboa: Joannes Barrerius.

Baily, Anatole (1985): *Dictionnaire Grec-Français* (39ª edição revista por L. Séchan e P. Chantraine). Paris: Hachette.

Cintra / Cunha (1987): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Cunha, Celso (1970): *Gramática Moderna*. Belo Horizonte: Edições Bernardo Alves, S.A..

Diomedes (1981): Artis Grammaticæ Libri Tres. In: Keil (ed.): *Grammatici latini* (Vol. I). New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.

Díscolo, Apolónio (1979): Περὶ Συντάξεως, Βίβλια Τέσσαρα. In: Gustavus Uhlig (ed.): *Grammatici Græci*, Parte II, Vol. II. Leipzig: Georg Olms Verlag Hildesheim.

- (1987): *Sintaxis* (tradução espanhola por Vicente Bécares Botas). Madrid: Editorial Gredos.

Donato (1981): Ars Grammatica. In: Keil (ed.): *Grammatici latini* (Vol. IV). New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.

Fernandes, Gonçalo (1996): As Conjunções Expletivas I. Recordar Pompeio. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, 26, 40-44.

– (1997): As Conjunções Expletivas II: Recordar Apolónio Díscolo. In: *Boletim de Estudos Clássicos*, 27, 18–29.

– (1998): Partículas Discursivas do Português. In: *Anais da UTAD: Revista de Letras: Linguística, Literatura e Didáctica*, 2 (vol. 8, n.º 1), 83–93.

– (1999): Apolónio Díscolo e a Linguística Portuguesa Contemporânea. In: *Anais da UTAD: Revista de Letras: Linguística, Literatura e Didáctica*, 4 (vol. 10, n.º 2), 31–48.

Franco, António (1990): Partículas Modais do Português. In: *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, VII, 175–196.

– (1991): *Descrição Linguística das partículas modais no Português e no Alemão*. Coimbra: Coimbra Editora, Colecção Linguística «Coimbra Editora», nº 5.

Ministério da Educação (2004): Portaria n.º 1488. In: *Diário da República*, 300, I Série-B, 7307–7315.

Paratore, Ettore (1987): *História da Literatura Latina* (tradução portuguesa de Manuel Losa, S.J.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pompeio (1981): Commentum Artis Donati. In: Keil (ed.): *Grammatici latini* (Vol. V). New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.

Prisciano (1981): Institutiones Grammaticæ. In: Keil (ed.): *Grammatici latini* (Vol. III). New York: Georg Olms Verlag Hildesheim.

Trácio, Dionísio (1989): Γραμματικὴ Τέχνη (tradução Francesa de Jean Lallot: *La grammaire de Denys le Thrace*). Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

Vilela, Mário (1995): *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina.

ANEXO 1

I. Apolónio Díscolo

A. Texto Grego (Díscolo 1979: 378–381):

«127. (...) Οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι ἀπ' ἰδίας δυνάμεως ἀναδεχόμενοι τὴν θέσιν ἔσχον τῶν ὀνομάτων, ἀπὸ τοῦ ἐν συναφείᾳ τοὺς λόγους ἐπάγειν συναπτικοί, ἢ ἀπὸ τοῦ διαζευγνύειν διαζευκτικοὶ καὶ ἅπαντες οἱ ὑπόλοιποι· οἵ γε μὴν καλούμενοι παραπληρωματικοὶ οὐκ ἀπὸ τοῦ δηλουμένου τὴν θέσιν ἔσχον. Οὐ γὰρ ἀληθές ἐστιν, ὥς τινες ὑπέλαβον, μόνον αὐτοὺς ἀναπληροῦν τὸ κεχηνὸς τῆς ἑρμηνείας καὶ διὰ τοῦτο εἰρῆσθαι παραπληρωματικούς· ὅτι γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἔχει τινὰ δύναμιν, παρεστήσαμεν ἐν τῷ περὶ συνδέσμων. Οὐ γὰρ ταὐτόν ἐστι τὸ τοῦτό μοι χάρισαι τῷ

τοῦτό γέ μοι χάρισαι {Callim. frg. anon. 259, II p 752 Schn.}

οὐδὲ τὸ ἀγαθὸς ὢν τῷ

ἀγαθός περ ἐών {A 131}·

οὐδὲ τὸ αὐτὸ ἐμφαίνει τὸ οἱ μὲν παρ' ὄχεσφι τῷ

οἱ μέν δη παρ' ὄχεσφι {O 3}:

παραγραφῆς γὰρ λόγου σημεῖόν ἐστιν ὁ δή.

128. Οὐδὲ γὰρ ἐκεῖνο ἐξαίρετόν ἐστιν, τὸ αὐτοὺς μόνον ἐν πλεονάσματι εὑρίσκεσθαι· ἀλλὰ σχεδὸν τὸ τοιοῦτον πάθος σύνεστι καὶ κατὰ τῶν ὑπολοίπων συνδέσμων,

τὸν καὶ Μηριόνης πρότερος {N 306},

ἤτοι μὲν Μενέλαος {Γ 213},

καί τε χαλιφρονέοντα {Ψ 13}·

μυρία ἔστιν εἰς τὸ τοιοῦτο παραθέσθαι. Ἀλλ' οὐδὲ ἴδιον συνδέσμων τὸ ἐν πλεονασμῷ καταγίνεσθαι· σχεδὸν γὰρ ἐπι πάσας τὰς λέξεις τὸ τοιοῦτον συντείνει.

129. Καὶ εἰ ἀπὸ τοῦ πλεονάζοντος ἡ θέσις τοῦ ὀνόματος, τίς ἡ ἀποκλήρωσις τοῦ ἐπὶ τῶν συνδέσμων τὸ τοιοῦτο παρηκολουθηκέναι, λέγω τῶν παραπληρωματικῶν, ἢ ὅτι οἱ μὲν ἄλλοι σύνδεσμοι, διάφοροι ὄντες κατὰ τὰς φωνάς, μίαν δύναμιν ἐπηγγέλλοντο, ἐξ ἧς καὶ τὴν θέσιν τοῦ ὀνόματος ἀνεδέχοντο, οὐ μὴν τοῖς παραπληρωματικοῖς ταὐτὸν συνηκολούθει; σχεδὸν γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἴδιόν τι ἐπηγγέλλετο, μείωσιν μὲν ὁ γέ ἐν τῷ

τοῦτό γέ μοι χάρισαι {Callim. frg. anon. 259,}

παραγραφὴν λόγου ὁ δή, ἐναντιότητα ὁ πέρ μετ' αὐξήσεως ἐμφατικῆς ἦν οὖν ἀνέφικτον τὸ ἐκ τοῦ σημαινομένου τὴν ὀνομασίαν αὐτοὺς ἀναδέχεσθαι διὰ τὸν προκείμενον λόγον. Κοινὸν οὖν παρείπετο αὐτοῖς τὸ πλεονάζειν κατὰ τὸ [μὴ] ἐλλεῖπον, καὶ ἐκ τοῦ κοινῶς παρεπομένου τὸ ὄνομα ἀνεδέξαντο, οὐ διαψευδόμενοι τὴν θέσιν τοῦ ὀνόματος».

B. Proposta de tradução portuguesa:

«127. Desde logo a maioria delas (conjunções) tomou o nome do seu significado peculiar; assim, as condicionais pela condição implícita dos seus membros, as disjuntivas pela sua distinção e o mesmo todas as demais; A não ser as chamadas expletivas que não se chamam assim por causa do seu significado. É que não é certo, como alguns supõem, que somente sirvam para completar os cortes da comunicação; de facto, cada uma delas tem um significado próprio, como dissemos no tratado das conjunções. Não é certamente o mesmo τοῦτό μοι χάρισαι (faz-me esse favor) que τοῦτό γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), como ἀγαθὸς ὤν (sendo bom), que ἀγαθός περ ἐών (por bom que sejas), nem significa o mesmo οἱ μὲν παρ' ὄχεσφι (uns junto aos carros) que οἱ μὲν δὴ παρ' ὄχεσφι (então eles junto aos carros); é que o δὴ é sinal de que se produz uma transição no discurso.

128. Também não é exclusivo delas serem usadas superfluamente, pois quase o mesmo sucede com o resto das conjunções,

τὸν καὶ Μηριόνης πρότερος (e Meríones o primeiro),
ἦτοι μὲν Μενέλαο (então por seu turno Menelau),
καί τε χαλιφρονέοντα (e também por ser irreflexivo);

inúmeros exemplos mais do mesmo teor se podiam acrescentar. Mas não é exclusivo das partículas encontrarem-se pleonasticamente; é que o mesmo pode aplicar-se a todas as palavras.

129. E se a sua denominação lhes advém do uso pleonástico, como é que de todas as conjunções lhes tocou a elas a sorte de tal denominação, digo, a de expletivas? Sem dúvida porque as demais conjunções, embora sendo diferentes quanto à forma, encerram um só significado do qual receberam o nome, mas isto não podia aplicar-se às expletivas, pois todas elas apresentam um significado próprio, por exemplo, o γε uma restrição no enunciado τοῦτο γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), o δη uma transição no discurso, o περ oposição, para além de uma enfatização. Portanto não era possível, pelas razões apresentadas, que recebessem o nome a partir do seu significado. Assim, o que valia para todas era o seu uso pleonástico em quanto que se pode prescindir delas, foi precisamente dessa acidência comum que receberam o nome, pelo que tal denominação não é falsa».

ANEXO 2

II. Pompeio

A. Texto Latino (Pompeio 1981: 266-267):

«Expletivæ dictæ sunt ab eo, quod tantum sensum expleant additæ, additæ enim augent ornatum, detractæ nihil nocent. Hanc naturam habent expletivæ: quando detrahuntur, nihil significant; quando adduntur, ornant sensum ipsum, id est quando detrahuntur, non mutilant aliquid, non detrahunt, ut puta si dicas ‹equidem volebam præfectum videre›, tolle inde equidem, et stat elocutio, ‹volebam præfectum videre›. ‹Saltim, siqua mihi de te suscepta fuisset ante fugam suboles›, tolle inde saltim, et stat elocutio, ‹siqua mihi de te suscepta fuisset ante fugam suboles›. Ergo istæ dicuntur expletivæ quæ sensum explent, detractæ autem nihil nocent; ideo dicuntur expletivæ. Quare autem dictæ sunt expletivæ et non ornativæ? Nam illæ ornativæ dicuntur quæ additæ ornant, detractæ non obsunt. Istæ autem quæ dicuntur expletivæ, quantum significat ipse sensus, etiam adverbia permanent, non vacant. Quare noluerunt dicere ornativas istas, sed maluerunt dicere expletivas. Si enim voluissent dicere ornativas, manifestum esset quod additæ ornarent, ablatæ nihil nocerent: hanc habent naturam, quod, cum additæ fuerint, accedit cultus; si decedat cultus, interim corporis nihil recedit. Ergo quid est expletivæ? Quando dico ‹lege lectionem›, et quando dico ‹saltem lege lectionem›, aliud est dicere ‹lege lectionem›, aliud est ‹saltem lege lectionem›. Quo modo? Qui tibi dicit ‹lege lectionem›, hortatur te ad unam rem faciendam, et forte alias res facis, sed istam solam non faciebas; cantabas, sed non legebas lectionem. Qui tibi dici ‹hoc fac›, hortatur ut hanc rem facias, licet tu illas res sponte facias; qui autem tibi dicit ‹saltem hoc facito›, ostendit te omnia nihil facere, sed vel hoc unum facere debere. Longe aliud est hortari nos ad unum aliquid faciendum, cum cetera facias, longe aliud est ut vel unum facias. Nam hoc habet natura huius elocutionis: puta ‹saltem ambula›, id est si non vis dormire, si non vis sedere, si non vis stare, vel hoc unum fac, ambula; quando autem dico ambula, iam non arguo te totius neglegentiæ, sed arguo te, quod istam unam rem omiseris. Ergo dictæ sunt expletivæ, quia illud quod minus dictum erat accessu huius expletur, et pæne in omnibus hoc esse invenies. Equidem, id est ego quidem: ‹equidem volebam videre præfectum› si dicas. Et si dicas ‹volebam videre præfectum› longe aliud est. Qui dicit ‹volebam videre præfectum›, hoc dicit simpliciter, ‹volebam videre præfectum›; qui dicit ‹equidem videre præfectum›, hoc dicit ‹volebam videre præfectum, nisi illud timerem, nihil illud obesset›. Nam qui dicit ‹equidem volebam videre›, hoc significat, ‹volebam videre, sed alia res intercedit, quæ prohibet›; ‹equidem volebam videre, sed illud timeo›. Ideo dicuntur expletivæ, quoniam inlatæ aliquid, quod non expressum est, sed latet, illud res ipsæ nobis demonstrant».

B. Proposta de tradução portuguesa:

«As [conjunções] expletivas chamam-se assim, porque acrescentadas preenchem somente a frase: de facto, a sua inserção enriquece o ornato, a supressão nada prejudica no essencial. As expletivas têm esta natureza: quando são retiradas, nada significam; quando acrescidas, embelezam a frase, isto é, quando subtraídas, não reduzem coisa nenhuma, não causam dano. Como, por exemplo, se se disser ‹equidem volebam præfectum videre› (na verdade queria ver o prefeito), e suprimir daí ‹equidem›, o enunciado mantém-se – ‹volebam videre præfectum› (queria ver o prefeito) –. Igualmente se mantém o enunciado ‹Saltim, siqua mihi de te suscepta fuisset ante fugam suboles›, se se tirar daí ‹saltim› – ‹siqua mihi de te suscepta fuisset ante fugam suboles› –. Portanto, dizem-se expletivas aquelas [partículas] que completam o sentido da frase, mas cuja omissão nada prejudica; eis o motivo de se chamarem expletivas. Mas porquê expletivas e não ornativas? A verdade é que se chamam ornativas àquelas que, acrescentadas, embelezam, e suprimidas não prejudicam. No entanto, as que classificamos de expletivas, como o seu próprio nome indica, também permanecem como advérbios, não são supérfluas. Por isso é que não as quiseram chamar ornativas, mas antes expletivas. De facto, se se quisesse dizer ornativas, seria evidente que o seu acréscimo embelezaria, a sua supressão não prejudicaria nada: Têm esta natureza, porque a sua inclusão traduz-se em adorno; mas se se retira o adorno, entretanto nada da frase diminui. Então o que significa ‹expletivas›? Quando digo ‹lege lectionem› (Lê a lição), e quando digo ‹saltem lege lectionem› (Ao menos lê a lição), uma coisa é dizer ‹lege lectionem›, outra coisa diferente é ‹saltem lege lectionem›. De que modo? Aquele que te diz ‹lege lectionem›, exorta-te a fazeres apenas uma coisa, se por acaso estiveres a fazer outras, mas só esta é que não: estavas a cantar, mas não a ler a lição. Aquele que te diz ‹hoc fac› (Faz isto) exorta-te a fazeres tal coisa, compete-te fazeres essas coisas espontaneamente; mas aquele que te diz ‹saltem hoc facito› (Ao menos faz isto), dá a conhecer que tu não fazes todas as coisas, mas que deves fazer ao menos esta. Uma coisa muito diferente é exortar-nos a fazermos alguma coisa determinada, quando se fazem várias, outra coisa é fazer pelo menos uma. O sentido deste enunciado é o mesmo que, por exemplo em ‹saltem ambula› (Pelo menos caminha), isto é, se não queres dormir, se não queres estar sentado, se não queres estar de pé, faz ao menos só isto – caminha; mas quando digo ‹ambula› (Caminha), já não te critico por toda a preguiça, mas critico-te porque esqueceste apenas esta coisa. Por isso são chamadas expletivas, porque aquilo que era dito de menos é completado com o seu acrescentamento, e isto encontra-se em quase todas. ‹Equidem›, isto é, ‹ego quidem›: se se disser ‹equidem volebam videre præfectum›; e se se disser ‹volebam videre præfectum› é muito diferente. Quem diz ‹volebam videre præfectum›, diz isto simplesmente, ‹queria ver o prefeito›; quem diz ‹equidem videre præfectum›, diz isto: ‹queria ver o prefeito, se não recuasse esse facto ou nada me prejudicasse›. Pois, quem diz ‹equidem volebam videre› (a dizer a verdade, eu queria ver), quer dizer isto, ‹volebam videre (queria ver), mas outra coisa se meteu de permeio a impedi-lo; ‹equidem volebam videre, mas temo isso›. Por isso, são chamadas expletivas, visto que, acrescentadas, alguma coisa que não estava expressa, mas latente, elas mesmas no-lo mostram».